

Só uma cousa me apavora
A esta hora, a toda a hora:
É que verei a morte frente a frente
Inevitavelmente.
Ah, este horror como poder dizer!
Não lhe poder fugir. Não podê-lo esquecer.

E nessa hora em que eu e a Morte
Nos encontrarmos
O que verei? O que saberei?
Horror! A vida é má e é má a morte
Mas quisera viver eternamente
Sem saber nunca [...] isso que a morte traz [...]

Que o tempo cesse!
Que pare e fique sempre este momento!
Que eu nunca me aproxime desse
Horror que mata o pensamento!

Envolvei-me, fechai-me dentro em vós
E que eu não morra nunca.

Dois Diálogos

I

— Febre! Febre! Estou trêmulo de febre
E de delírio...]

Ancião, não podes tu
Arranjar-me um remédio para a vida?
Quero vivê-la sem saber que a vivo
Como tu vives.

Atordoar-me-á isto a alma toda,
Toda, até dentro, muito dentro, velho?
— Não teentendo], mas se é esquecer
Que queres, bebe...
— Quero, quero, vamos....
Esqueçamos-nos. Tens algo de mais forte
P'ra] mais do que esquecer? depressa, diz...
— Mal te compreendo, mas não tenho.

(FAUSTO bebe sofregamente)

Estranha e horrível criatura!

Não é vício
Nem crime, nem tristeza, nem pavor
Propriamente pavor, o que obscurece
Como uma escuridão de dentro d'alma